

DAPESQUISA

Sobre escritOS mitopoéticos, percursos mitodológicos e palavras-chave para abrir presença nas páginas

About mythopoetic writings, mythodological paths and keywords to open presence on pages

Franciele Machado de Aguiar

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Fran é atriz, professora, gosta de escutar as vozes das pessoas e prefere cantar a falar.

Quando ainda podia contar a idade nos dedos de uma única mão, transformou em microfone um pedaço de cano de PVC. Ao encontrar dramaturgia na estante da biblioteca da escola, decidiu brincar de teatro e o fez. E o faz. Tem meia dúzia de gatos: uma delas se chama Cigana e gosta de acompanhar as escritas deitada sobre livros e anotações feitas à mão.
aguiafranciele@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-0327-247X>

Luane Pedroso de Oliveira

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Luane é atriz, bailarina, gosta muito de teatro de bonecos. Arrisca-se em instrumentos percussivos e adora música brasileira. Nasceu em uma família de artistas, o que para ela foi de vital importância em sua formação, que se deu, sobretudo, do lado de fora da Academia. Ama cachorros e dias de sol. Prefere teatro a cinema. Deseja a superação do capitalismo. Gosta de escrever despretensiosamente. Tem a sorte de amar o que faz.
luane.mainha@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-8127-617X>

Resumo

O texto experimenta e reflete acerca dos modos de escrita das pesquisas das autoras — que investigam processos de criação de dramaturgias e poéticas e pedagogias vocais. Em jogo de escritOS, buscam modos de pesquisa e escrita de pesquisa *mitodológicos*, inspirados nas ressonâncias míticas da imaginação. Esses escritOS contemplam, ainda, a experiência em formas comumente colocadas às margens daquelas consideradas “oficiais” na escrita acadêmica, como as cartas, a poesia, a ficção. Traçando nas páginas as palavras e imagens ditadas pelos afetos e ritmos de seus corpos em trabalho de criação, as autoras buscam também constituir e cartografar poéticas e pedagogias feministas no contexto da cena.

Palavras-chave: Escrita e arte. Teatro feminista. Performance (Arte). Arte e antropologia.

Abstract

The text experiments and reflects on the writing modes of the research of its authors — who investigate creative processes of dramaturgies, vocal poetics and vocal pedagogies. In play of writing, they looking for ways of research and *mythodologicals* research writings, inspired by the mythical resonances of the imagination. These writings also contemplate experiments in forms commonly placed on the margins of those considered “official” in academic writing, such as letters, poetry, fiction. Drawing on the pages the words and images dictated by the affects and rhythms of their bodies in creative work, the authors also seek to constitute and map feminist poetics and pedagogies in the context of the scene.

Keywords: Writing and art. Feminist theater. Performance art. Art and anthropology.

Escreva como você gosta, use os ritmos que aparecerem, tente diferentes instrumentos, sente-se ao piano, destrua o que é linear, grite ao invés de cantar, arrase na guitarra e toque a buzina. Odeie matemática e ame redemoinhos. Criação é um pássaro sem um plano de voo, que nunca irá voar em uma linha reta.

Violeta Parra

O critério utilizado para definição da escrita performática advém [...] da crença em que uma resposta metafórica e imaginativa à experiência é mais fecunda pelo aprofundamento e elaboração das imagens, em detrimento de uma resposta descritiva ou literal, que dissipa ou programa as imagens numa significação rasa ou fixamente dogmática. *As imagens devem, de fato, ser estudadas por outras imagens, o que implica igualmente uma escrita, um estilo poético adaptado.*

Luciana Lyra

Este texto se pretende um relato de experiência da escrita de duas pesquisas que buscam vivenciar o processo criativo na perspectiva da imaginação, das lógicas do mito como espaço de conhecimento e criação, tendo também como horizonte a constituição de poéticas e pedagogias feministas no contexto da cena. **Somos duas mulheres pesquisadoras escrevendo estas linhas a quatro mãos e integramos a rede do grupo de pesquisa MOTIM - Mito, Rito e Cartografias Feministas nas Artes, liderado pela professora Luciana Lyra, vinculada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Teatro da UDESC¹.** As investigações e reflexões que aqui empreendemos buscam por um espaço de discussão para os campos do mito, do rito e das práticas conduzidas por mulheres. Quais modos de escrita melhor cartografam esses territórios e percursos?

¹ Os trechos em vermelho são as marcas das idas e vindas, do trajeto de leitura deste texto por outras pessoas **e do consequente movimento de reescrita gerado por essas leituras.** Decidimos manter em vermelho pois entendemos ser importante mostrar o processo pelo qual o texto foi se modificando.

Diante da necessidade de descolonização de nossos saberes e práticas, cabe questionar as definições muitas vezes pejorativas dadas ao conceito de mito, junto das quais se afirma um modo racionalista de pensamento que classifica os saberes não-hegemônicos como primitivos, irracionais... Se estamos escrevendo e pesquisando sobre arte, com arte, em arte, é fundamental que nossa escrita não reproduza os preconceitos, as desconfianças com as quais a academia recebe aquilo que é produzido às margens das normas, das fórmulas, dos percursos lineares, daquilo que ganha o estatuto de ciência.

No entanto, cada pesquisa e cada escrita de pesquisa que pretenda espalhar o tema aos modos de comunicá-lo, aos métodos, à forma, sempre se depara com um caminho inexplorado, de um lado, e, de outro, com uma estrutura tão fortemente enraizada que mal se cogitam alternativas: ao papel, à letra, à palavra escrita, aos conceitos legitimados por sobrenomes impressos em letras maiúsculas, preferencialmente estrangeiros, traduzidos, vindos do norte global, com condições materiais de serem editados, impressos, traduzidos e bem distribuídos nas estantes das bibliotecas, nas prateleiras das livrarias, nas plataformas, catálogos e portais.

Nesta escrita que vai se urdindo a quatro mãos, que vai sendo construída por duas pesquisadoras, as reflexões sobre voz e dramaturgia são compartilhadas e, na busca e na escuta de poéticas da oralidade e da vocalidade, a dificuldade do registro daquilo que é performativo se impõe. Perguntamos: como podemos escrever um canto? Descrever um timbre, a qualidade de um som, a maneira como um corpo singular emite, ressoa uma melodia, uma palavra? As tecnologias audiovisuais nos permitem registros que, nesse caso, a escrita não contemplaria. Mas com frequência eles só adquirem legitimidade como pesquisa se acompanhados da escrita. Como seria realizar uma audiotese, uma audiodissertação? As mesmas palavras escritas seriam lidas na versão em áudio? Ou o ouvido exigiria outras formas de reflexão, outras construções do discurso? Como funcionariam citações, paginações, notas de rodapé? É diante dessas questões que o predomínio da visão nas nossas formas de conhecer e produzir conhecimento se mostra, afirma sua autoridade.

É nesse momento que lembramos que não está apenas nos livros e artigos o que aprendemos com nossas pesquisas; esse aprendizado não tem necessariamente a marca de uma autoria. “A criatividade é coletiva”, diz Eliara Guarani, liderança da Terra Indígena do Morro dos Cavalos, em Santa Catarina. A criatividade é coletiva, e a voz de Eliara logo se dissolve no ar, ecoando agora dentro. Não foi publicada, mas registrada na memória e nas pautas do caderno². Não tem a marca de uma autoria. Mas é essa marca que, nas escritas de nossas pesquisas, costuma se destacar na página, com recuo especial, outro tamanho de fonte, ou colocada entre aspas. E seguida de sobrenomes, datas e páginas. Mas aquilo que escutamos de alguém, de uma contadora de histórias, de uma aluna durante um exercício em aula, de uma mestra de cultura popular³, de brincantes em uma roda de coco, de uma rendeira que tece com fios, alfinetes, bilros e canções⁴; permanece oculto, anônimo, talvez sequer seja mencionado, embora possa ser fundamental aos rumos da pesquisa.

Falamos de um impasse. E de relações de poder: da teoria sobre a ficção, da ciência sobre a arte. Da letra sobre a voz. Da visão sobre o conjunto dos

² “A criatividade é coletiva.” Nota sobre a fala de Eliara Guarani durante a Mostra Rosa Teatral, realizada no Centro de Artes da UDESC em outubro de 2018. Além de Eliara, cacica da Tekoa Yakã Porã do Território Indígena Morro dos Cavalos, participaram da fala-partilha sobre a cura e a saúde das mulheres em perspectivas decoloniais, indígenas, negras e de matrizes africanas: A Nêga, artista independente, cantora e instrumentista autodidata, Geni Nuñez, psicóloga, mestre em Psicologia Social e doutoranda no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC e Alexandra Alencar, mulher, negra, mãe, doutora e mestre em Antropologia Social pela UFSC.

³ Como na mesa temática *Culturas Tradicionais e Identidades*, realizada na décima edição do congresso da ABRACE - Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal. Na conversa conduzida pela mestra Luzia Maria da Silva (Tejucupapo/PE), pelo mestre Aguinaldo Roberto da Silva (Condado/PE), pela mestra Nice Teles (Condado/PE), pelo mestre Inácio Lucindo (Camutanga/PE) e pelo mestre Pedro Correia (Natal/RN), conhecemos suas práticas como brincantes do cavalo marinho, seus trabalhos com teatro comunitário, com a tradição do reisado e outras manifestações da região. A mesa terminou com um cortejo com grupos de cultura popular da Vila de Ponta Negra, no qual ouvimos, cantamos e dançamos os ritmos do *coco de roda*, com mestre Severino, dos *congós de calçola*, com mestre Pedro dos Santos Correia, do *pastoril*, com mestra Helena Correia, do *boi pintadinho*, com mestre Pedro de Lima, da *lapinha*, com mestra Lucimar Ferreira, do *bambelô*, com mestre Pedro de Lima e do *batuque resistência*, com mestre Marcos Vinicius.

⁴ Enquanto exercem o ofício da renda de bilro, Anita Maria Lopes de Moraes, Marlene Carolina Lopes, Zenaide Maria de Souza, Isolina Machado Oliveira, Juliana Machado da Silveira, Daura Lúcia Correia e Florentina Olina Coelho compartilham suas memórias na trama da cultura das cantigas de “ratoeira”, em Florianópolis-SC. <https://www.youtube.com/watch?v=pqifgwVfJpU>

sentidos. Pensando sobre os cantos de tradição de culturas populares, **como torés, aboios, toadas, cocos de roda, pontos de orixás**, lembramos dos tantos saberes que, em nosso país, não têm espaço na academia. Que são, justamente, aqueles colocados sob a etiqueta de mito, mitologia. Que têm autoria anônima. Que ganham o nome de folclore e como tal são arquivados. Que após o genocídio das populações tradicionais, viram coleções de línguas e objetos em museus que podem incendiar a qualquer momento. Parecemos preferir os arquivos às existências. E com títulos falsos escritos em papéis habilmente envelhecidos, terras indígenas e quilombolas são griladas, roubadas. Pessoas não alfabetizadas, embora tenham vivido por gerações em um lugar, da noite para o dia perdem suas casas porque alguém chegou com um papel escrito. E dizem que ali está escrito que aquela terra não lhes pertence. Aquele papel cala as vozes e os cantos, derruba as florestas e as hortas cultivadas com trabalho e melodia.⁵

A jornalista, escritora e documentarista Eliane Brum, acompanhando desde 2011 a vida de famílias ribeirinhas no Xingu, expulsas de suas terras para a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, mostra-nos o quanto esse poder, essa “autoridade” da escrita, desempenhou um papel extremamente violento no processo histórico do Brasil:

A história dos povos da floresta tem sido contada por nós e para nós, o que podemos chamar de “brancos”, num sentido mais amplo da palavra, pela escrita. E a escrita tem sido historicamente um instrumento de dominação das elites. Para os povos da floresta, os documentos escritos, mesmo que falsos dos grileiros, sempre valeram mais do que a documentação oral e material de séculos de ocupação do território. A escrita sempre foi utilizada para expulsá-los da floresta e destruir a floresta, assim como outros ecossistemas. A escrita é extremamente violenta no processo histórico do Brasil. Como aconteceu em Belo Monte nesta década, neste século: as pessoas foram pressionadas a assinar papéis que lhes tiravam tudo e que não eram capazes de ler. Da mesma forma, o imenso conhecimento destas pessoas é ignorado porque não escrito. Hoje eles estão encontrando formas de contar sua história. De fato, eles sempre contaram. A questão é que uma grande parte do Brasil não quer escutá-los. As pessoas têm voz, o que têm faltado são ouvidos.

⁵ Silvia Federici (2018) em *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*, conta-nos sobre as canções mágicas que as mulheres da etnia indígena Achuar, comunidade amazônica situada na fronteira entre Peru e Equador, cantam às ervas de seus jardins, canções das quais dependem o cultivo e o crescimento de suas plantas.

Então, talvez o mais necessário seja mesmo escutar. E aprender com esses povos, e resistir junto com eles. (Brum, 2020, n.p.)

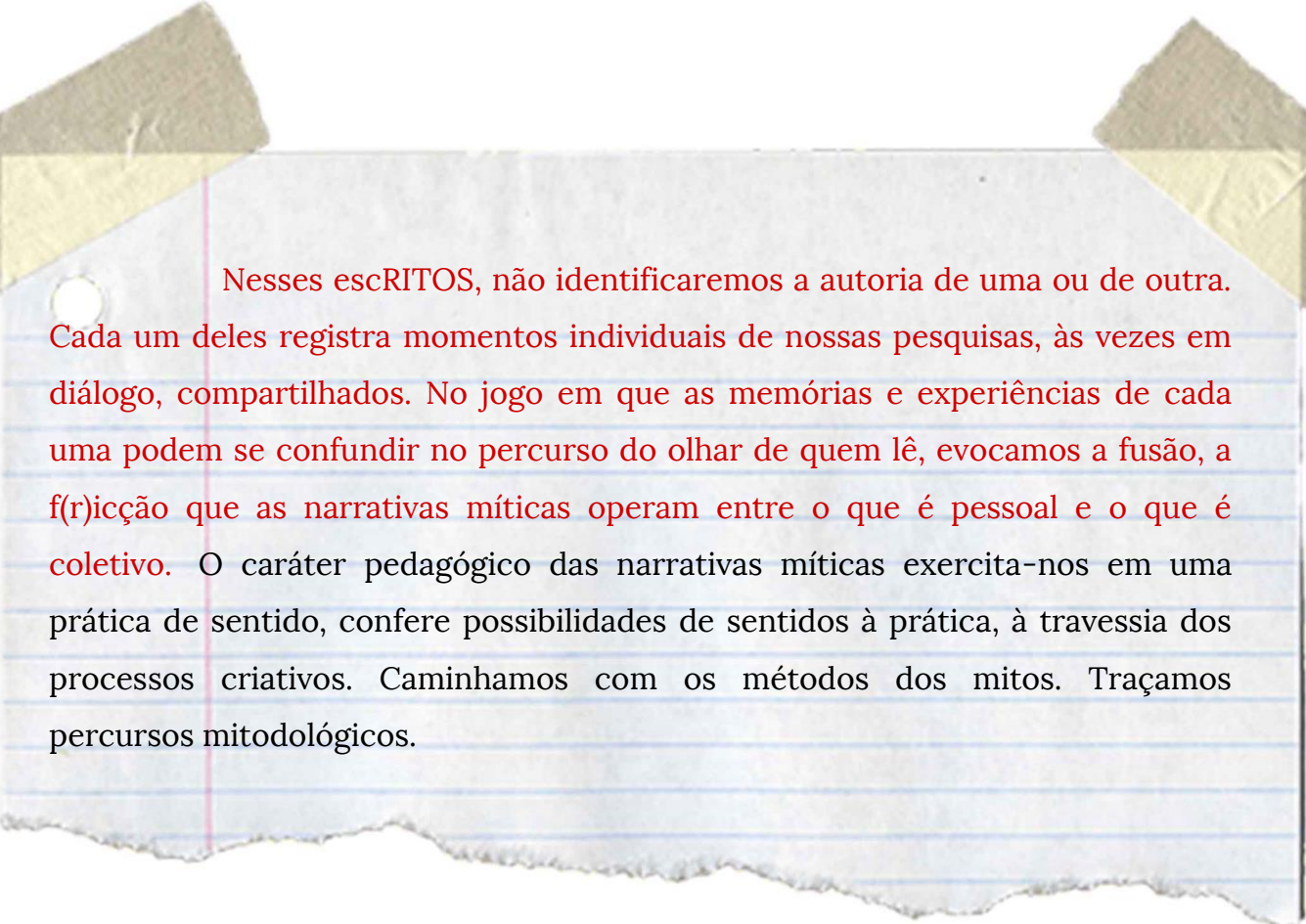
Há um peso da letra, de uma linguagem que se torna pouco acessível, que circula em espaços restritos. Há um peso da letra que muitas vezes não dá conta dos processos da cena. **Como podemos fazer da escrita uma “forma-força” – expressão com a qual o medievalista Paul Zumthor se refere à performance? Ou um movimento-grafia que é também insubordinação, autoinscrição, *escrevivência*, como nos relata a escritora Conceição Evaristo?** Como escrever uma tese dramatúrgica onde não apenas o texto seja contemplado, mas a dança, a cena, as paisagens sonoras... Como materializar?

Conceição Evaristo lembra de um gesto antigo de sua mãe, desenhando com um graveto um sol sobre a terra lamacenta, uma grafia-desenho, um movimento-grafia que Conceição percebe como a origem de sua escrita, aquela que ela nomeará como *escrevivência*. Ali onde a escrita de um sol feita por sua mãe faz também nascer a sua noção de escrita, ela lembra que esse ato não apenas representa, mas materializa aquele sol. Conceição e sua mãe sabem que o desenho grafado na terra chama pelo sol, “assim como os artistas das culturas tradicionais africanas sabem que as suas máscaras não representam uma entidade, elas são as entidades esculpidas e nomeadas por eles” (Evaristo, 2007, p. 17). Concebendo uma escrita marcada, então, por um comprometimento entre traços e corpo, a escritora encontra ali um sentido de autoinscrição e insubordinação:

Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. (Evaristo, 2007, p. 20-21)

Diante de tais questões, é urgente repensarmos nossos modos de fazer pesquisa, questionarmos o quanto o nosso trabalho dentro da academia ainda perpetua estruturas de poder que são machistas, racistas, coloniais, o quanto o acesso às pesquisas fica restrito ao ambiente acadêmico, dialogando pouco com a realidade e, conseqüentemente, incapaz de transformá-la. Se a escrita tem tanto poder e legitimidade, cabe inventarmos outras formas e usos, que não escondam nossas vozes, nossos corpos, nossas práticas. Nessa escrita performática, combinamos, num processo alquímico “uma vontade documental e uma vontade poético-literária”. (Lyra, 2011, p. 41)

Chamaremos de *escRITOS*, unindo escrita e rito, alguns pequenos exercícios com os quais temos refletido e construído o registro de nossas pesquisas. *EscRITOS*, como registros ou rastros de experiências nas quais buscamos modos de proceder que contemplem: o valor da imaginação, as imagens evocadas pela prática, pelo corpo em movimento e jogo, o exercício de gêneros de escrita comumente colocados às margens das formas “oficiais” de escrita acadêmica – e então nos aventuramos na escrita de cartas, diários, memoriais e também de ficção, transformada em *f(r)icção*, onde atuamos “em um plano liminar entre o real e o ficcional” (Lyra, 2014, p. 177). *EscRITOS* também poéticos, à medida que guardam imagens ditadas pelos afetos e ritmos de nossos corpos em trabalho de criação. *EscRITOS* que *f(r)iccionam* experiências pessoais e memórias coletivas, num percurso mitopoético que transita entre elementos de autobiografia, ficção e autoficção.



Nesses escritos, não identificaremos a autoria de uma ou de outra. Cada um deles registra momentos individuais de nossas pesquisas, às vezes em diálogo, compartilhados. No jogo em que as memórias e experiências de cada uma podem se confundir no percurso do olhar de quem lê, evocamos a fusão, a f(r)icção que as narrativas míticas operam entre o que é pessoal e o que é coletivo. O caráter pedagógico das narrativas míticas exercita-nos em uma prática de sentido, confere possibilidades de sentidos à prática, à travessia dos processos criativos. Caminhamos com os métodos dos mitos. Traçamos percursos metodológicos.

escRITO 1: CARTA-CHAMADO

Janeiro, 2019.

Querida F, escrevo para lhe contar que esses tempos estão mexendo comigo. Às vezes acordo sentindo alegria, mas logo vem o pensamento de que esse não é o momento para ficar alegre. Tá tudo esquisito. Tenho duvidado do que sinto. Bem, talvez eu escreva outra carta para lhe contar sobre essas coisas que têm me atravessado... Nesta, meu desejo é que imaginemos.

Como você sabe, minha pesquisa está direcionada à construção de dramaturgias... Conversei com Luciana e ela me disse que talvez você poderia me ajudar em alguns aspectos nesse processo de criação. Vi sua apresentação na ABRACE em 2018 e fiquei muito encantada com o seu canto. A voz, o canto, são pontos que eu gostaria de trabalhar em minha criação artística. Acredito que você possa me ajudar muito nisso! Um convite, um trabalho feminista. Em tempos de acusação e censura das artes, este é um convite político para que aproveitemos esse lugar que estamos, na universidade, e o amparo que temos por estar dentro desse espaço, para criar fissuras, brechas.

Brevemente vou pontuar minhas ideias para que você possa refletir sobre esse convite que estou lhe fazendo. Na pesquisa de mestrado realizei em conjunto com a Jussyanne a peça *Guerreiras Donzelas*⁶, que inclusive você já assistiu. Foi durante a elaboração dessa dramaturgia que a figura de Joana d'Arc surgiu e me inquietou. A peça foi elaborada já no final da pesquisa e não houve tempo para maiores aprofundamentos... Agora, nessa outra etapa acadêmica, trago mais uma vez Joana, na tentativa de desvelar aspectos que ainda não conheço dessa figura mítica. Assim, a dramaturgia tem como eixo mítico, mito-guia, Joana d'Arc. Não a personagem

⁶ *Guerreiras Donzelas* foi uma peça teatral de criação conjunta entre Luane Pedroso e Jussyanne Emídio. Ver: *Guerreiras Donzelas: uma experiência de teatro feminista para crianças*. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573103332018142>> Acessado em: jan. 2020.

histórica tal qual conhecemos, mas uma Joana que se aproxime em alguma medida das mulheres comuns e sobretudo das mulheres do século XXI. Esse é o desafio.

Para mim a dramaturgia não precisa ser fixada em uma única linguagem artística. Quero me aventurar em possibilidades. O canto, a dança, o teatro... acredito que essas diferentes vertentes possam apoiar essa f(r)icção. Espero que lhe interesse a pesquisa e o convite.

Um beijo,

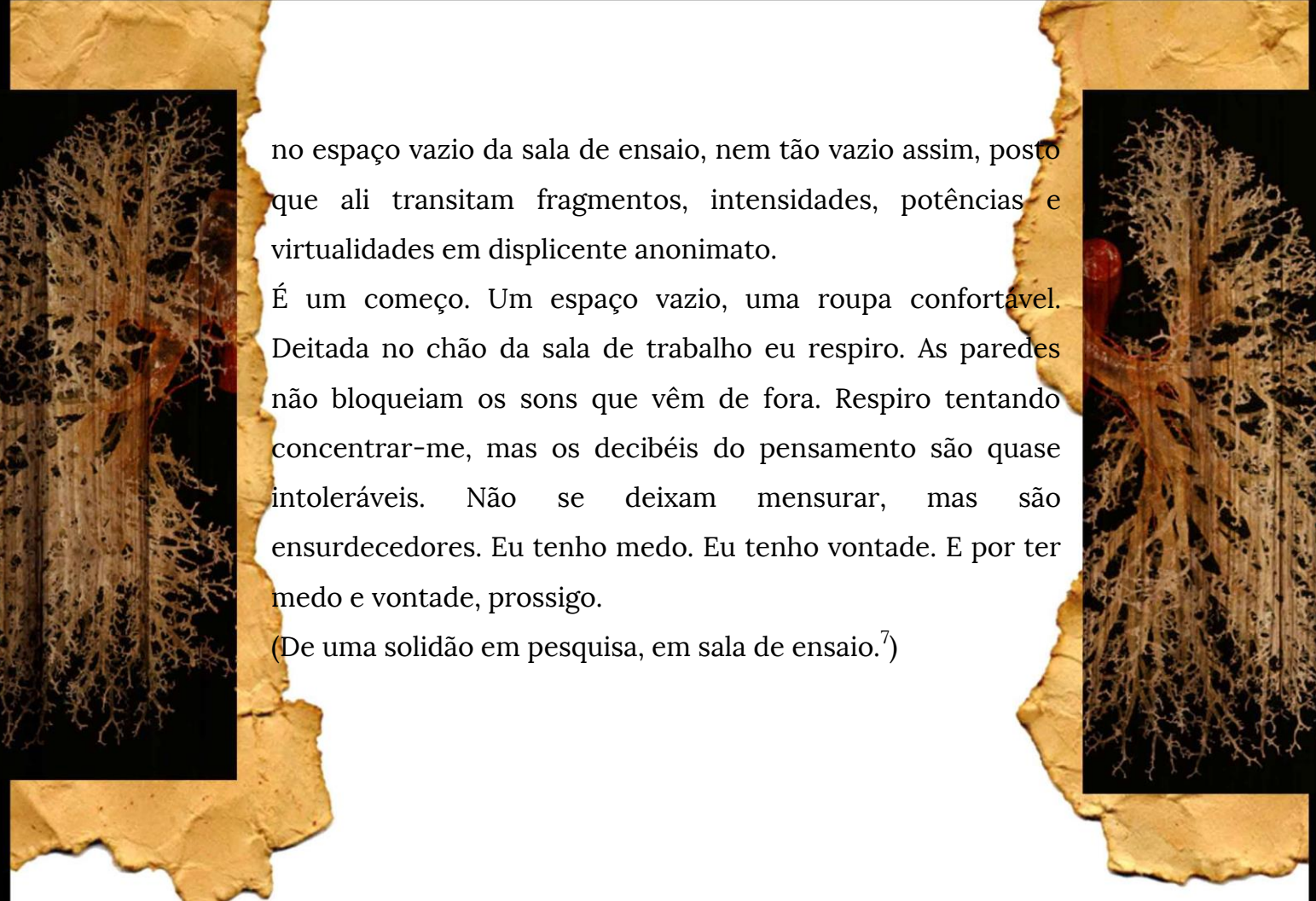
L.P.

escRITO 2: BUSCANDO A VOZ NA ESCRITA, OU A RESPIRAÇÃO DA
PRÁTICA, NUMA PÁGINA DE AR E TEMPO

escrito 3: NARRAR O PRESENTE DE UM CORPO EM CRIAÇÃO

Entrego meu corpo ao chão. A superfície de madeira de uma sala de ensaio me recebe sem fazer perguntas. Pousados ali, braços, pernas, cabeça... Tentam abandonar-se, a cada respiração, a cada meditada, controlada fala de um diálogo entre o ar que está dentro, na intimidade dos pulmões, e o ar que está fora, no vasto espaço de uma sala vazia. Ouve-se o ruído que está além das paredes, de corpos e máquinas que se movem num pedaço da cidade inquieta. O diálogo respiratório continua, em falas-expirações e escutas-inspirações. Aos poucos os pulmões tentam prolongar a sua escuta, na lenta e contínua tomada de um ar cuja posse detêm por mais tempo, como se enfim refletissem antes de dar ao espaço de fora sua resposta, agora dita calmamente, até a extinção do fôlego. Não apenas a cidade é ruidosa, com seus corpos e máquinas em trânsito contínuo: das salas ao lado ouvem-se vozes, conversas, passos, músicas, risos, aplausos.

Mas ali onde estou, entregue ao chão, na tarefa de aumentar a cada instante o pedaço de corpo que toca o solo – impossível naufrágio de um sólido em outro! – apenas o sussurro de um ar que se despede, regressa, torna a despedir-se... Se a carne, por mais que se esforce em pesar, não penetra o chão; se pele, músculos e ossos parecem encontrar seus limites ali onde a madeira começa; se as coisas aparentemente acentuam os traços que as tornam individuais, o ar, ao se despedir, regressar e tornar a despedir-se dos pulmões – num respirar que é quase silencioso comparado ao som ao redor – lembra a existência do fluxo. Sem me pertencer, dissolve-me a cada expiração



no espaço vazio da sala de ensaio, nem tão vazio assim, posto que ali transitam fragmentos, intensidades, potências e virtualidades em displicente anonimato.

É um começo. Um espaço vazio, uma roupa confortável. Deitada no chão da sala de trabalho eu respiro. As paredes não bloqueiam os sons que vêm de fora. Respiro tentando concentrar-me, mas os decibéis do pensamento são quase intoleráveis. Não se deixam mensurar, mas são ensurdecedores. Eu tenho medo. Eu tenho vontade. E por ter medo e vontade, prossigo.

(De uma solidão em pesquisa, em sala de ensaio.⁷)

**escRITO 4: 06 DE JUNHO, 11 HORAS. ENCONTRO COMIGO
A PESQUISA ANDA SEMPRE JUNTO
DESENHA OS ESPAÇOS, BRINCA COM O TEMPO
TEM GOSTO, CHEIRO, RUÍDO, TEXTURA E FORMA**

Panela no fogo e dentro o óleo, depois açafão-da-terra, gengibre, alho e cebola. *Me convidei* para preparar o almoço e cozinhar um poema. O dia cinza de novo, o gato preto da vizinha aninhado na bagunça da cama desde cedo. Desde que despertei com o miado dele na porta, bem cedinho, antes ainda do sol que até agora não veio. Dia de poema-musgo, grudando no azulejo e na alma úmida? Corto a abóbora com

⁷ Este fragmento é parte de um exercício de escrita realizado pela autora no memorial de processo de criação de sua pesquisa de mestrado. (AGUIAR, 2015)

dificuldade, dureza da casca e de dentro, eu me ponho inteira na faca, com todo o peso que eu tenho e o que me arrasa e arrasta. Toda na ponta da faca, partindo em pedaços amarelo-alaranjados a abóbora-menina. A panela à espera, eu também. Na janela o olhar procura o céu. Digo: se o sol aparecer, caminho até a praia, estendendo o tempo desse encontro, alargando o espaço. Sal. Um pouco de açúcar, um tantinho de pimenta. Água até cobrir. Fogo alto. Aquela música de ontem na cabeça, entre a lança e a capa, São Jorge⁸. O abismo da garganta dolorido. O fogo fazendo seu trabalho, as alquimias todas para a passagem do cru ao cozido⁹. Lembro de ontem e antes e antes. Do fogo difícil, tão racional para mim. Atrito, fricção dos ossos nos músculos, nas carnes cheias de ar e terra e água. Na ponta dos pés, dos cascos, braços pendurados nas chamas. Chama. Chamar. Eu chamo. Encho de fogo a voz e tudo vem para perto, incendiado, incandescente. Chamar, invocar. Evocar. Há voz nessas palavras que queimam. Voz tremendo, rebatendo dentro, enegrecendo as paredes. Atrito: lixando a ferida sai sangue e fogo. Ocupar o espaço com a pélvis: minhas cadeiras chegam antes, sabem mais, dizem que vieram, a que vieram. Cadê o fogo nas mãos? Nos olhos?

Tão rápido, passa tão rápido. Relevo: na pele retorcida das queimaduras, uma geografia se revela. Nas panelas, o almoço feito de fogo e tempo. Penso na pesquisa, na angústia que se

⁸ *Santo Guerreiro*. Canção tradicional presente no álbum *Folia de Santo*, de Alessandra Leão (2008), cantada durante exercício na disciplina Escrita acadêmica e performática: pureza e perigo, ministrada pela professora Luciana Lyra no PPGT-UDESC em junho de 2019.

⁹ Referência ao ensaio de Claude Lévi-Strauss (2010), *O cru e o cozido*, primeiro volume da série *Mitológicas*, na qual o autor percorre o universo mítico ameríndio. Tendo como ponto de partida um mito do povo indígena Bororo, habitante da região do Mato Grosso, *O cru e o cozido* reúne mitos em torno do tema da “passagem” da natureza à cultura. O mito, em uma das definições dadas por Lévi-Strauss, seria uma história do tempo em que seres humanos e animais ainda não eram diferentes.

instala e na carta que eu poderia escrever. Penso que ela poderia dizer de pessoas que me ensinaram e me ensinam, polifonia de vozes e aprendizagens. De pessoas, e cantos e silêncios. Ouvindo as páginas dos livros e os ecos da memória. No caminho até o mar a lembrança da terra. Um pé de aroeira e três borboletas. Dois grandes cães de pelo cor de ferrugem pisam suas oito patas na água salgada. O mar emite suas ondas sonoras ao pé do ouvido da areia. Os pés na areia, meus dedos pressionam, escavam os dentros úmidos do mundo. A lembrança da terra: derramei palavras ao chão, hoje eu derramei. Quando eu fui terra tinha voz de terra grande. *Terra para o pé firmeza, terra para a mão carícia...*¹⁰ Caminhava lenta e trêmula, tirando as camadas do ar, as pétalas do ar eu terra. E a voz de gritar? de parir? de mugir? Cantando. Borbulhando o som quente de dentro do começo do avesso. Ferida. Força. Joelhos no chão, violino longe. Não lembrei do outro canto, só aquele, tão pequena eu era tão grande. Só fui. Só, fui. E parei. Não sei onde. Terra trêmula, vibrando. Descascando o peito. Onde? Quem? Há mar. Areia. Áspera. Espera. Experiência de terra, um canto que não sai do começo. Eu tão nascida e tão morta, criança e velha e bicho. Jogo e júbilo. Jogo e júbilo. E toda a travessia que há entre as duas palavras aqui no papel tão próximas. Criança e velha. Afecção e memória. Aprender e ensinar, travessia e encontro, talvez o silêncio do não saber falar, do não saber mais falar. Ou do sabor de uma fala que canta, que é poesia cozida com gengibre e açafrão, que é canto que embala, nas portas do sono, do sonho, do transe, do delírio. Tenho uma coleção de palavras perigosas: travessia, tradição, transe. Tremo. Muitas há para descobrir, para

¹⁰ Trecho da música *Terra*, do álbum *Muito - Dentro da estrela azulada*, de Caetano Veloso (1978).

nomear, para numear o caminho. Traçar as formas da força, as formas-força, nas páginas, no corpo, no sopro.

QUEM ME ESPERA?

Querida Joana, escrevo para lhe contar que hoje, 6 de junho de 2019, quinta-feira, às 10h da manhã, me encontrei na praia do Campeche. Desafiada pela outra Lu, a Lyra, fui ver o que eu tinha para me contar.

Tomei café, dei remédio para minha cachorra Olívia, tomei banho. Estava me preparando para um momento especial. Quando fui sair o céu já estava encoberto por nuvens de chuva. Cantei e toquei um samba esperando que o sol secasse as águas que caíam do céu, esperava não derramar. Mas continuou cinza.

Eu não gosto de sair na chuva, a praia não seria o melhor local para ter um encontro debaixo de chuva. Remarquei, não pra outro dia, mas para outro local. Um lugar mais aquecido, confortável, que eu pudesse ficar... na cama. Vamos conversar aqui mesmo, entre cobertas que não deixam o calor escapar.

Eu, “terra, signo de elemento terra, do mar se diz terra à vista, terra para o pé firmeza, terra para o chão carícia...” Durante uma aula de escritas performáticas fizemos prática de terra. Luciana nos estimulou a desbravar esse elemento que não está fora, nem dentro, mas que é parte constituinte de nós.

Imagens me vieram, lama, terra maleável que se molda, e também se foram como se fugissem, chão batido, areias... Terra escorregadia, lama. Lama que me carinhosou o corpo. Sou terra. Mas algo não me deixava mergulhar. Abrir-se em

terra, não é fácil. Como disse Chico Science, “da lama ao caos, do caos à lama”¹¹ tudo está tão próximo. Naquele momento eu não queria caos, talvez por isso tenha rejeitado me entregar à lama.

Outra imagem que emergiu foi o lobo, loba, bicho, sempre vem. Eu tenho um sonho bem recorrente desde criança... Começo a correr, correr muito e durante a corrida vou abaixando meu tronco até as mãos tocarem o chão. Continuo então mais veloz com as quatro patas no chão e me transformo em loba.

Sempre gostei muito desse sonho, é uma sensação de liberdade e força... até que veio a *Saga Crepúsculo* e trabalhou exatamente essa imagem de transformação de humanos em lobos. Fiquei cabreira. Meu sonho estava sendo comercializado, tinha virado produto. Até nossos sonhos viram, principalmente eles. O sonho não era só meu.

Cheiro, chão, caça que vem. Desgosto, não querer. Olhava ao meu redor e aquelas pessoas que estavam fazendo aula comigo eram todas caçadoras. Eu tinha que me proteger. Sou bicho que caça também aquela gente que parece de mentira. Desejo de caçar, armadura no peito, lá estava localizada você Joana, imagem bicho também.

E no fim da minha escrita sobre o dia de terra relatei:

**Agora chega disso que não há
vazios desavisados. Ausentes
aparecem no olho que pesca.
Loucura na carne que foi sem
sentido.**

E eu que estava com a terra, a lama e a loba esparramando para fora, fui, durante a escrita daquele dia, equalizando

¹¹ Música de Chico Science, do álbum *Da lama ao caos* (1994), da banda pernambucana Nação Zumbi.

minhas energias e guardando a loba em lugar aconchegante dentro de mim.

O sol voltou. As águas que há pouco derramavam do céu agora apenas forram o chão com fina camada.

O sol voltou, sou fogo! Agora escrevendo, brasa. Você, Joana guerreira, *me* atravessou, *se* espalhou pela sala e não sentiu medo dos homens, nem raiva. Encaramos eles de frente.

Você e eu, espalhadas por fogo. Fogueira que nos faz e constrói, “é do fogo que ressuscito”, disse a outra Joana. Somos em brasa.

O fogo me energizou ontem, *me* abasteceu ainda que fogo controlado. Por ser elemento bastante sinuoso e que não dá para tocar é bem complexo palavrear ele... As expressões somem. O fogo tem que ser dançado. Fogo é movimento que queima. Elemento que transmuta, desverticaliza o pensamento.

Minha querida, já passa da hora de eu ir. Nesse encontro comigo inevitavelmente encontrei você. Sempre bom. *Nos falamos* em breve...

Enlameie seus bichos

Um beijo, L.

(De um exercício proposto na disciplina Escrita acadêmica e performática: Pureza e Perigo II, ministrada pela professora Luciana Lyra no Programa de Pós-Graduação em Teatro da UDESC. Junho de 2019.)

escRITO 5: ESCRITA-ESCUta, LUGAR DE ECOS A PESQUISA COLA OS SONS

Eu anotei o que eu vivi naquele ano. Eu já tentei, eu quero fazer, já tá disponível, eu me dei conta de que eu anotava, de que eu fazia cada rabisco que tinha muito valor. Mas na folha de um dia começou a faltar espaço. Protótipo. Abstraí tanto, tanto! Eu travo. Madrugada. Tudo a gente começa com um não. O não pra mim é algo que... quando eu vejo eu tô dizendo não. Eu falava muito não. A gente tem a mania de repetir. Em cima do muro respondendo alguma coisa ideia consciente tu já colocou um não na frente, mas tu quer dizer sim na verdade. Um clima, um tom mais claro. A mulher usava na novela. Eu nunca assisto. Funcionou bem para. Diferente, né? De terça a sexta. Será que sobrou? Sejam mais criativos. Eu sei. Depende do contexto, alguma coisa que tem significado. Querendo ou não, são bonecas. Eu tenho uma pasta de papel de carta. Papel é árvore e árvore tem valor. Uma coisa nova.

(Intervozes capturadas em um intervalo, em escrita-escuta de palavras no ambiente. Interlocutoras desconhecidas. Uma manhã de sexta-feira.)

escRITO 6: MEMORiar

A PESQUISA TEM UM ONTEM

Manhã de 15 de agosto de 2018. Eu ouço o canto que nela vibra. Ela vai levar, ela vai levar flores pro mar, ela vai levar... Ela vai levar, ela vai levar flores pro mar, ela vai levar... Eu vou levar, vou levar flores pro mar, eu vou levar¹². Faço-lhe eco, somando à dela a minha voz, nas ondas que o som faz no ar. Aquele canto revolve as águas de dentro que os meus passos cuidadosos costumam tentar evitar que derramem. Já não posso, paisagem acidentada que sou pelos abalos sísmicos dos ontens, de hoje... Nos golpes de dentro o coração me esculpe. Choques tectônicos nas eras do meu corpo reconfiguram minhas distâncias, meus oceanos, meus continentes. Cada pedaço de mim sabe uma língua e canta, anuncia o caos, desfaz, dissona e sonha.

Deito no chão, conduzida por sua voz. A madeira fria recebe meu corpo. Percebo o ar que adentra e se mistura ao sal das lágrimas de há pouco, sal a gosto na água de dentro que arde, banha de mar os meus avessos, a ferida aberta que sou. Coloco a palma de uma das mãos no chão, ao lado da cabeça, e é ela que me empurra, com vagar, na direção oposta. A mão permanece ali, feito âncora, enquanto o corpo vai e volta. O gosto da lágrima me inventa um cais¹³, faz de mim barco atracado que o mar embala e chama. A maré surra o casco, a correnteza tensiona a corda, terra e mar conflitam o drama em mim até que se desfaz o nó que prende à margem. Volto às águas profundas do tempo.

¹² Ponto tradicional para Iemanjá, presente no álbum *Macumbas e Catimbós* (2019), de Alessandra Leão. Cantada durante a disciplina Escrita Acadêmica e Performática: Pureza e Perigo, ministrada por Luciana Lyra no PPGT-UDESC em agosto de 2018.

¹³ Referência à música *Cais*, de Milton Nascimento, presente no álbum *Clube da Esquina* (1972).

1990. 27 de fevereiro. Sol em Peixes. Terça-feira de carnaval. Uma mulher descasca cebolas para fazer conserva e talvez seus olhos ardam. No seu ventre carrega outra mulher, existe em camadas nesse momento, como se fosse também cebola. O lado de fora é de samba e feriado, a lua começa uma nova fase, a mulher também. A água do ventre é mar de ressaca, revolta-se, transborda, escorre. Anuncia à criança-mulher de dentro que é hora de trocar o elemento acolhedor e quente pelo ar de fora, ar inaugural de seus pulmões, que a criança devolve ao mundo no primeiro canto-choro. Venha, pequena! Venha rápido. Ainda é verão e hoje é carnaval. Ela nasce com pressa: quase que te pari nas escadas, a mãe dirá, mais tarde, à filha. Não deu tempo para quase nada.

“Quero lonjuras. Minha selvagem intuição de mim mesma. Mas o meu principal está sempre escondido. Sou implícita. E quando vou me explicar perco a úmida intimidade.”

(Clarice Lispector, Água Viva)

... *me lanço às tormentas*

Abro a janela e ouço de longe o apito do navio. O céu está azul. Com os pés fincados na terra, posso avistar embarcações chegando, partindo... Fiquei por muito tempo em terra firme esperando e suportando frustrações e dores daqueles que retornavam. Agora, percebo que tenho coragem de construir meu próprio navio e arriscar-me em águas que eu só conhecia pelas beiras.

Quais histórias poderão surgir dessa nova jornada? Quem irei encontrar no caminho? Joana, *me acompanhe* durante o percurso. Navegaremos juntas construindo, f(r)iccionando, dramatizando e dançando histórias. Histórias ao avesso. De fissuras.

escRITO 7: MANDALA

A Mandala Cartográfica ou Dramatúrgica faz parte de um dos procedimentos de criação elaborados por Luciana Lyra (2011) em sua tese de doutorado. A Mandala seria uma forma de organizar o material que surge a partir dos outros processos que ocorreram anteriormente, práticas corporais, ritos, definição do mito-guia. A Mandala pode ser feita em qualquer etapa da criação, ser modificada durante o processo, construída em conjunto. Além disso, mais de uma Mandala Dramatúrgica pode surgir durante o percurso de elaboração de dramaturgias. Para Luciana Lyra, a Mandala:

é a exposição plástica e visual do retorno à unidade pela delimitação de um espaço-tempo divino da criação por meio de um caleidoscópio de cores, uma profusão de fragmentos, estabelece o terreno de meditação acerca de todo processo vivenciado. (Lyra, 2011, p. 386)



Mandala sendo construída

escRITO 8: RESPOSTA OU O COMEÇO DE UM CANTO

Fevereiro, 2019.

L, querida. Fico muito feliz com a possibilidade de trabalharmos juntas em nossas pesquisas. Também sinto que os tempos sombrios pesam no cotidiano, tem sido difícil me dedicar exclusivamente à pesquisa: sinto-me numa espécie de estado de alerta, como se alguma urgência fosse me interromper ou solicitar a qualquer momento. Talvez seja isso mesmo, isso tudo que a gente deseja entender, criar, está vivo, está conversando com a vida, respirando de um jeito acelerado no meio do caos. Todo dia muda, todo dia. Você disse: “meu desejo é que imaginemos”. É o que penso e quero também, que imaginemos. Imaginar como condição possível para seguir em frente. Como condição para conhecer. Lembro de algumas aulas e leituras sobre os estudos do imaginário, e para muitos autores a imaginação seria uma falsificação do real, ela é vista com desconfiança, quase que em oposição ao pensamento racional. A imaginação é vista como uma deformação no contexto de afirmação de uma ciência que quer explicar, que pretende explicar, buscar verdade e objetividade. Já faz mais de cinquenta anos que Gilbert Durand constituiu a sua teoria do imaginário, dialogando com a antropologia e a psicologia profunda, por exemplo, e chamando a atenção para a complexidade do pensamento mítico, das imagens do inconsciente, do sonho, do devaneio poético...

Durand diz que a imaginação não está em oposição ao real, ao pensamento racional, mas que o próprio pensamento racional, a ciência, os sistemas filosóficos, provêm dessa grande fonte do imaginário. Ele diz que nós imaginamos, que nós criamos, porque temos consciência da morte, da nossa finitude. E que os mitos são

formas muito concretas de nos relacionarmos com o mundo, nas quais procedemos por (bri)colagens, analogias, articulando as imagens que surgem das nossas experiências. Mesmo quando ouvimos uma dessas histórias antigas, é no diálogo com a nossa experiência que elas ganham sentido, por isso as narrativas míticas têm sempre um vazio, lacunas, desafios às nossas lógicas mais usuais de pensamento. Nosso encontro com as narrativas míticas é potencialmente criador — a não ser quando os sentidos do mito passam a ser controlados por alguém, por uma instituição. Aí sim, ele pode vir a ser uma ferramenta de opressão e alienação.

Mas penso que pesquisar e criar pelo viés de uma *mitodologia* — esse é o conceito que a antropologia do imaginário vai usar para falar de um método dos mitos, um método para o imaginário — pode ser muito potente, sabe? Talvez seja uma forma de afirmar e legitimar os saberes que construímos fazendo arte, ao invés de tentar “encaixar” nossas práticas e reflexões naquilo que a academia considera ciência, conhecimento. A *mitodologia* do Durand, que compreende uma *mitocrítica* e uma *mitanálise*, vai buscar reconhecer imagens recorrentes em determinadas obras (no caso da *mitocrítica*) ou períodos históricos (no caso da *mitanálise*). Essas imagens estão enraizadas nos gestos do nosso corpo e são geradas por diferentes atitudes imaginativas. Quando a gente percebe imagens recorrentes, num texto, numa peça, no material que criamos em sala de ensaio, a gente consegue se aproximar de alguns mitos (como o fogo, a mulher guerreira, a luta te aproximam da Joana d’Arc), e então fazer com que o nosso trabalho dialogue com essas narrativas.

Fico muito feliz com a ideia de trabalharmos em parceria, atravessarmos os caminhos das nossas pesquisas. Quero muito exercitar relações entre voz e imaginação, como uma pedagogia para criar. E penso que o canto, libertando um pouco a voz do sentido das palavras para percebê-las como sopro, como corpo, como ritmo, como melodia, como ação, possa abrir espaços de imaginar. E sim, trabalharmos em parceria seria um posicionamento e um processo feminista com o qual poderíamos criar brechas em uma estrutura que nos isola tanto numa lógica de competição, propriedade, autoria...

Imagino que a Joana de Guerreiras ainda guarde muitos mistérios, que te convide a chegar mais perto, a pesquisar, a usar o seu fogo nas alquimias da sua pesquisa. Acho que podemos buscar essa voz de Joana, os espaços que ela percorre, os silêncios nos quais se abriga... Quem sabe a gente descubra que a Joana também cantava?

O convite para uma pesquisa a duas vozes está aceito! Estamos e vamos juntas.

Outro beijo,

F.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, F. M. de. **Luminescência: o processo do ator como experiência corporificada do arquétipo-herói**. 2015. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/122541> Acesso em: 21 mai. 2020.

ALENCAR, A.; NÊGA (Pseudônimo); ELIARA (Cacica Yakã Porã); NUÑEZ, G. Palestras-falas-partilhas sobre a cura e a saúde das mulheres em perspectivas decoloniais, indígenas, negras e de matrizes africanas. In: MOSTRA ROSA TEATRAL, 2., 2018, Florianópolis. **Palestras[...]**. Florianópolis, SC : UDESC, 2018. Programação do evento disponível em: https://www1.udesc.br/agencia/arquivos/21019/files/programacao_mostra_rosa_teatral.pdf. Acesso em: 17 abr. 2020.

AWA Aabo/Vou levar flores/Pontos para lemanjá. Intérprete: Alessandra Leão. In: Macumbas e Catimbós. Intérprete: Alessandra Leão. São Paulo: Garganta Records, 2019. 1 CD, faixa 3 (5 min., 21 sec.). Disponível em: https://www.amazon.com/dp/B07RBS5CCT/ref=dm_ws_tlw_trk3. Acesso em: 05 fev. 2020

BRUM, E. **A escrita é extremamente violenta no processo histórico do Brasil**. [Entrevista concedida a] Alexandre Staut. São Paulo : SP Review, [2020]. Website: São Paulo Review, entrevistas. Disponível em: <http://saopauloreview.com.br/a-escrita-e-extremamente-violenta-no-processo-historico-do-brasil-diz-eliane-brum/> Acesso em: 12 jun. 2020.

CAIS. Intérprete Milton Nascimento. In: Clube da Esquina. Intérprete Milton Nascimento. Rio de Janeiro: EMI-Odeon Records, 1972. 1 disco sonoro, lado A, faixa 2 (2 min., 45 sec.)

CARRICO, A. et al. **Culturas Tradicionais e Identidades**. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA EM ARTES CÊNICAS, 10., Natal, 2018. **Mesa temática[...]** Natal, RN : ABRACE, 2018. Programação do evento disponível em: <https://www.even3.com.br/xcabrace/> Acesso em: 21 mar. 2020.

DA LAMA AO CAOS. Intérprete: Chico Science. In: Chico Science e Nação Zumbi: da ama ao caos. Intérprete: Chico Science. Rio de Janeiro: Sony Music, 1994. 1 CD, faixa 7 (4 min., 33 sec.). Disponível em: https://www.amazon.com/dp/B007RE8T4G/ref=dm_ws_tlw_trk6. Acesso em: 21 jan. 2020.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário. Introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

EMIDIO, J.; PEDROSO, L. Guerreiras Donzelas: uma experiência de teatro feminista para crianças. **Revista Urdimento**. Florianópolis, v. 3, n. 33. p. 142-146, 2018. DOI: https://doi.org/10.5965/141457_3103332018142. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573103332018142>. Acessado em: 21 jan. 2020.

EVARISTO, C. Da grafia desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.) **Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p 16-21.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2018.

LÉVI-STRAUSS, C. **O cru e o cozido**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010. (Coleção Mitológicas; 1)

LISPECTOR, C. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

LYRA, L. de F. R. P. de. Artetnografia e mitodologia em arte: práticas de fomento ao ator de f(r)icção. **Revista Urdimento**. Florianópolis, v. 1, n. 22, p. 167-180, jul. 2014. Disponível em:

<http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/download/1414573101222014167/3185>. Acesso em: jun. 2020.

LYRA, L. de F. R. P. de. **Guerreiras e Heroínas em Performance: da Artetnografia à Mitodologia em Artes Cênicas**. 2011. Tese (Doutorado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/284426> Acesso em: jun. 2020.

PEDROSO, L. **Entre memórias e segredos, a donzela morde e a guerreira luta: relatos e reflexões sobre práticas cênicas feministas**. 2018. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Programa de Pós-Graduação em Teatro, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SANTO guerreiro. Intérprete: Alessandra Leão. In: Folia de Santo. Intérprete: Alessandra Leão. São Paulo: Garganta Records, 2008. 1 CD, faixa 6 (1 min., 51 sec.) Disponível em:

https://www.amazon.com/dp/B00OUDU77Y/ref=dm_ws_tlw_trk6. Acesso em: 05 fev. 2020

TERRA. Intérprete: Caetano Veloso. In: *Muito - Dentro da estrela azulada*. Intérprete: Caetano Veloso. Rio de Janeiro: Polygram, 1978. 1 disco sonoro, lado A, faixa 1 (6 min., 43 sec).

VERSOS da ilha - Curta Documentário. Direção: Daniel Choma. Florianópolis.: [s. n], 2013. 1 vídeo (13 min., 3 sec.). Publicado pelo canal Câmara Clara. Disponível em: <https://youtu.be/pqlfgwVfJpU>. Acesso em: 21 jan. 2020.

VIOLETA foi para o céu (Violeta se fue a los cielos). Direção: Andrés Wood. Argentina : Imovision, 2013. 1 DVD (110 min).

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.